

IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO DO POPULAR NO FILME A MÁQUINA

Guilherme Adorno de Oliveira¹; Renata Marcelle Lara Pimentel²

RESUMO: Este texto apresenta a pesquisa desenvolvida em 2008 no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Jornalismo do Centro Universitário de Maringá (Cesumar) sobre os aspectos representativos do popular no filme brasileiro *A Máquina*. A teoria dos Estudos Culturais e as contribuições teóricas e metodológicas da Análise de Discurso francesa (AD) nortearam o percurso da análise fílmica, que propôs descrever o processo de identificação do popular, questionando as formas de representação dos personagens e cenários característicos do povo nordestino. Enquanto a análise era delineada, os (deslocamentos dos) sentidos produzidos pelo discurso imagético-verbal mostraram regularidades que marcaram os pontos de discussão descritos na pesquisa: a religião; o contraponto local em meio ao global; as influências midiáticas e a afirmação do popular como *popular*. O estudo analítico destas regularidades permitiu fazer a proposição de que o popular encontra na sua cultura, no seu cotidiano e na sua linguagem formas de resistência, ainda que inconscientes, ao já estabelecido.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema brasileiro; identidade; popular;

INTRODUÇÃO

O cinema brasileiro tem privilegiado a produção de filmes com temáticas ligadas ao povo, principalmente do nordestino. Exemplos recentes são: Deus é Brasileiro, Lisbela e o Prisioneiro e O Auto da Compadecida. No entanto, apesar das características populares dos personagens destes filmes, existem dificuldades em perceber se a filmografia retrata caricaturas ou reflexos da realidade. Esta problemática parte da idéia de que há um imaginário social construído por meio da cultura e é a partir deste imaginário que se formará a representação midiática de conceitos e personagens do popular, como Jesús Martin-Barbero aponta ao falar que o “popular nos interpela pelo massivo”.

A pesquisa se insere neste cenário, pois buscou *observar como os personagens, com características populares, são trabalhos no filme brasileiro A Máquina*. Esta produção cinematográfica mostra uma cidade fictícia chamada Nordestina, onde os habitantes procuram uma *vida melhor no mundo lá fora*. Antonio, o protagonista do filme, é apaixonado Karina e tenta conquistá-la trazendo o *mundo lá fora* (a mídia), dizendo que vai fazer uma viagem ao futuro. O questionamento norteador era *se as representações do popular são caricatas ou apresentam aspectos de realidade*.

Para estudar estas hipóteses, contextualizamos os estudos na análise cinematográfica, nas questões do popular e da identidade, além de especificarmos a produção brasileira e suas representações do popular, analisando também a construção dos personagens no filme em questão.

¹ Graduado em Comunicação Social – Jornalismo, pelo Centro Universitário de Maringá (Cesumar). Discente do curso de Pós-Graduação em Educação para Ciência e o Ensino de Matemática (Mestrado), Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá – PR. guiadorno1@gmail.com

² Doutora em Lingüística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Docente do Departamento de Comunicação Social do Cesumar, Maringá – PR. renatamlara@yahoo.com.br

No trabalho definimos cultura popular, ou somente popular, como o povo e suas apropriações culturais, sejam estas provindas dele mesmo, da cultura hegemônica, de massa ou de um processo híbrido, possuidor de um diálogo, resultando em uma nova cultura ou manifestação dela (CANCLINI, 2003, 2006; MARTIN-BARBERO, 2008).

MATERIAL E MÉTODOS

Construiu-se a análise imagética e textual do filme *A Máquina*, mediante contribuições do método advindo da Análise de Discurso de linha francesa preconizada por Michel Pêcheux. Tal perspectiva teórico-metodológica possibilitou explorar possíveis sentidos que o filme produz, assim como observar o funcionamento da memória no *corpus*, além de mobilizar outros conceitos, próprios desta linha teórica, favoráveis à compreensão das representações do popular. Eni Puccinelli Orlandi é a pesquisadora brasileira que ajudou a tracejar este percurso de análise.

Esta tentativa de conciliar os Estudos da Cultura e a Análise de Discurso (AD) se transformou em um desafio para o desenvolvimento do trabalho. Os Estudos Culturais é uma teoria sem um método específico de análise e a AD possui um método que está construído na e pela teoria que lhe é própria. A perspectiva de análise conjuga ao olhar da cultura como espaço contra-hegemônico dos Estudos Culturais, os incômodos que a AD permite pensar, questionando a obviedade da linguagem e concebendo ela como um ritual que está sujeito à falha.

No processo de análise são descritas as quatro regularidades encontradas durante análise: religião; o local em meio ao global, as influências da mídia e a afirmação do popular como *popular*. A partir das regularidades foi possível pensar em uma constituição de uma linguagem poética e esta à resistência.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A descrição das quatro regularidades encontradas tornou possível retomar o nome do filme *A Máquina* e pensar nos possíveis sentidos produzidos por ele. O que seria esta Máquina? No filme, o sentido que se quer “literal” corresponderia a um equipamento com as setecentas lâminas que atravessariam o corpo de Antonio, caso ele não conseguisse chegar ao futuro no momento exato. Porém, trasladando “máquina” para o cotidiano da contemporaneidade, a palavra está presente também em expressões que já são conhecidas do imaginário social: a máquina pública, a máquina política e a máquina do Estado. Todas remetem ao funcionamento e estrutura política do governo.

Fazendo um paralelo com a discussão de Althusser (1980), os Aparelhos Ideológicos do Estado (AIEs) estão presentes nas quatro regularidades encontradas no filme. A Igreja, o mercado econômico, a mídia e a família funcionando como. Sendo Antonio o protagonista do filme, ele é o alvo principal da máquina. Setecentas lâminas que prometem atravessá-lo. Metaforicamente, estas lâminas funcionam como os AIEs tentando atravessar, cruzar, transpor o *popular*. Tentativa que esteve presente na descrição das quatro regularidades. Mas, efetivamente, isso se realiza?

Para Warnier (2003, p. 23), a cultura é uma totalidade “feita de normas, de hábitos, de repertórios de ação e de representação [...] é singular geograficamente ou socialmente localizada, objeto de expressão discursiva em uma língua dada, fator de identificação diante dos outros”. Discursivamente, Pêcheux (1990) entende que a linguagem é uma forma de resistência no interior do movimento (social). A cultura se constitui por/em linguagem. Portanto, a cultura, como linguagem, na sua perspectiva discursiva, está aberta à ruptura, à resistência.

Retomando as regularidades, é possível encontrar linguagem e cultura ocupando o mesmo espaço, se considerarmos a sua relação constitutiva. O mito, por exemplo, ao

mesmo tempo que faz parte de uma vivência, é uma linguagem fantasia, mas funcionando como lógica. Pensando que contar o mito se constitui como ritual, e sendo que, nos termos de Pêcheux (1995, p. 301), “não há ritual sem falhas”, logo, está aberto à ruptura. De modo semelhante, outros recortes, mostrados no trabalho, trazem este aspecto da cultura e da linguagem funcionando constitutivamente, para o popular, como possibilidades de ruptura. De acordo com Martin-Babero (2008, p. 320 e 321), o *popular* se expressa “sobretudo na linguagem, no palavreado, que é a palavra convertida em arma e instrumento de revanche, estratégia que, ao confundir o adversário, desarma-o”.

Por isto, o discurso do popular, atravessado pelo discurso religioso, lógico ou jurídico, não é uma contradição por si só, no sentido de oposição ou confronto direto, tampouco de incoerência, mas o lugar material em que a contradição é o que possibilita advir sua especificidade; esta, constituída no confronto entre estabilizar e resistir. A poética da sua fala desregula a homogeneidade lógica do mundo estabilizado, o “mundo semanticamente normal”, do qual Pêcheux (1997) fala. Pimentel (2003) entende que a homogeneidade do discurso não leva à resistência. É preciso (re) significar o espaço de significados já constituídos. “Se não há sujeito sem linguagem e fora das relações de linguagem, e se a resistência é constitutiva da língua, já que toda materialidade impõe resistência, há sempre a possibilidade do sujeito (sujeito à língua e à história) resistir” (PIMENTEL, 2003, p. 13).

CONCLUSÃO

Em *A Máquina*, o popular está imbricado no contexto da cultura mundializada, assim como os produtores envolvidos no filme também o estão. Muito mais do que procurar um *sentido verdadeiro*, ou um *real do popular* na narrativa do filme, a análise tracejou as formas como este popular é incorporado pelo imaginário social, no qual atores, produtores e o diretor também estão inseridos.

A partir das regularidades analisadas, percebemos que este imaginário já está absorvido pelos ideais contemporâneos do consumo, das novas formas de ser e de se mostrar dos sujeitos. Os sujeitos representados são passivos perante as decisões dos grandes conglomerados econômicos e de mídia, mas são também, a um só tempo, resistentes nas formas de apropriação pelo que é oferecido, resultando, por vezes, na modificação do cenário que contorna este sujeito, já que, como afirma Pêcheux (1995, p. 304), “não há dominação sem resistência”. A cultura passa a ser o lugar da luta contra-hegemônica, o espaço pela conquista do *popular* perante uma indústria que procura ao máximo *massificar*.

As contribuições da AD possibilitaram observar que a resistência do popular se deu também no nível do inconsciente. O sujeito popular não precisa se ordenar semanticamente e pertencer a uma lógica estabilizada. A sua própria contradição constitui um espaço de ruptura: as vivências cotidianas, a linguagem e a cultura como forma de resistência no interior do movimento.

Pensar o *popular* nos meios de comunicação não é uma inovação acadêmica, mas está ligado a uma necessidade de reflexão constante. As novas configurações da contemporaneidade, a globalização, a transnacionalização transformam os sentidos de identidade, de cultura, de local, de global, de espaço, de tempo, de sociedade e de sujeito, principalmente no que concerne aos países à margem do centro, onde estas transformações têm mais força. A comunicação configura-se, segundo Martin-Barbero (2008, 261), em lugar propício “a partir do qual se podem pensar os bloqueios e as contradições que dinamizam essas sociedades-encruzilhada, a meio caminho entre um subdesenvolvimento acelerado e uma modernização compulsiva”.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos do Estado**. 3. ed. Lisboa: Presença, 1980.

CANCLINI, N.G. **Consumidores e cidadãos**. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2006.

_____. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4. ed. S. Paulo: Edusp, 2003.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2008.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. 2 ed. Campinas: Pontes, 1997.

_____. Delimitações, inversões e deslocamentos. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, n.19, p. 7-24, jul./dez. 1990.

_____. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

PIMENTEL, Renata Marcelle Lara. A resistência nos discursos revolucionários: o lugar da estabilização e o lugar do movimento. **Revistas de Estudos da Comunicação**, Curitiba, v. 4, n. 8, p. 11-17, jul./dez. 2003.

WARNIER, Jean Pierre. **Mundialização da cultura**. 2 ed. Bauru: Edusc, 2003.